Ensaios amazônicos

PETRONIO MAIA VIEIRA DO NASCIMENTO SÁ (*)

Agradeço de início a oportunidade que me foi oferecida de falar a um público tão erudito, como soe acontecer neste Instituto, de reconhecida tradição e cultura, onde reverencio seu Presidente – Cel. Prof. Paulo Ayrton Araújo, os Ex-Presidentes Gen. Ex. Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, Magnífico Reitor Martins Filho e Historiador Geraldo Nobre, assim como os Professores Doutora Zélia Sá Viana Camurça e Professor Cláudio de Oliveira e os demais ilustres membros desta augusta Casa.

Venho juntar esforços a Vossas Excelências e aos de distintos patrícios e companheiros que nos precederam, trazendo modesta colaboração, porém refletido pensamento sobre um dos principais – senão o maior – dos problemas do País, no momento, e com que se defronta a Nação – a Amazônia!: sua Defesa!

Problema que transcende à própria imensa região natural onde se situa; além de ser do Brasil a maior parte, é internacional, dada a bacia amazônica se adentrar por vários países como Colômbia, Peru, Bolívia e até Equador, além dos que lhe são limítrofes, como a Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa.

1 Introdução e observações

Gostaríamos de introduzir o assunto, fazendo algumas observações e colocações à margem do desenvolvimento e geo-política amazônica, fruto de nossas vivências e reflexões, face à excelência do auditório e da oportunidade ímpar que se me oferece, de semeadura de idéias, despertar motivações e buscar soluções para o que é preciso e se deve fazer.

(*) Oficial do Exército (Cel. Inf. QEMA RRm).

- A Amazônia é um subcontinente, um mundo à parte, diferenciado, *sui generis*, intrinsicamente rica: maior reserva de água doce do planeta, a par de base petrolífera incontestável e outras inúmeras riquezas minerais como o nióbio. Mercê de clima e solo, é capaz de fazer face à escassez de alimentos que ameaça o mundo, se adequadamente cultivada. Daí a cobiça internacional generalizada no passado, no presente, pela crise mundial e nacional que poderá se agravar.

- A imensidão e grandiosidade da Amazônia exigem recursos fabulosos para tirá-la de seus gonzos seculares e não há condições presentes, enquanto não se puder retirar de suas entranhas o petróleo e o gás já localizados, tanto na Amazônia Ocidental como na Oriental. Só este "ouro negro" permitirá o auto-financiamento de seu desenvolvimento e valorização. O resto, são paliativos... SUFRAMA, Distrito Industrial, Zonas de Exportação etc. Daí a importância da PETROBRÁS e do Projeto SIVAM.

- A localização da Amazônia, a cavaleiro da Linha do Equador, lhe confere posição geo-estratégica privilegiada, superior a dos pólos magnéticos, na defesa do continente americano e quando se considera a estratégia de posição natural, segundo as situações de limites das nações entre si.

- A utilização da corda potâmica SOLIMÕES – AMAZONAS – sobre o Equador – facilita o lançamento de naves espaciais e, num quadro de guerra de alta tecnologia, como desfruta o G/7, o lançamento de Engenhos – Foguetes e Satélites, até de plataformas e navios de bases fixas e sólidas, permitindo deste modo a defesa do gomo-americano (EUA), se assemelharmos o geóide terrestre a uma laranja. A respeito, quando era Major, servindo na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), obtive liberação do EME para divulgar em revista Militar, artigo nosso intitulado "Estratégia – Posição Equatorial X Posição Polar (Revista Defesa Nacional, n.º 555, de outubro de 1960).

- O Projeto "CALHA NORTE", acrescido do projeto SIVAM, é um estágio para a ocupação e defesa inteligente da Amazônia, podendo influir na dissuasão dos apetites estrangeiros. E, não é uma fronteira para ao futuro. É atual, do agora, necessitando ser

levado à frente e a fundo, enquanto se aguarda implementação de outros projetos pró-Amazônia e Brasil.

- Geopoliticamente, a Amazônia se comporta como o Caribe brasileiro. Ali, as reivindicações e os irredentismos políticos do passado e presente estão vindo à tona, com os G7, particularmente os EUA e, potencialmente, os vizinhos sul-americanos.

- Os disfarces usados para pressionar o Brasil no interesse principalmente dos G7, visto nas questões ecológicas (como se apresentou na ECO/92), na questão indígena e no problema do Narcotráfico.

Na questão indígena, temos o problema do enclave Yanomani, significando base sólida de partida, dentro do próprio território nacional, embora existam outras fora, como a da Guiana, as que foram construídas e ampliadas recentemente na Colômbia, no Peru, Equador e Venezuela, além das do Canal do Panamá, Antilhas Holandesas e Venezuela.

Na questão do narcotráfico, que invade a fronteira ocidental da Amazônia, com pelo menos sete organizações internacionais de cocaína atuando na região do Alto Solimões. A situação da região é tão crítica que o Governador do Amazonas quer entregar a área para o governo federal e este já criou uma força-tarefa ligada às Secretarias Estaduais de Segurança Pública, a Órgãos de Cooperação Internacional (convidados) e à Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD). Na verdade, há 40 anos o narcotráfico atinge a América do Sul, especialmente a Colômbia, envolvendo agora também o Peru, a Bolívia, o Equador, a Venezuela, além do Brasil.

- A colonização, onde for preciso povoar (conforme prevê o projeto CALHA NORTE) e a recolonização nas regiões-chave, onde se precisa conservar e melhorar a colonização. Neste sentido, falo-lhes com a experiência de ex-presidente da Associação Brasileira de Colonização (ABC). Em qualquer delas, para constituir o embrião de futuros centros de resistência, utilizar a metodologia de colonização das "Agro-vilas", ou seja, de "Combinados Agro-Urbanos", os quais deverão ser mais adequados a culturas amazônicas.

- A necessidade de estar apto à defesa externa, a par da estratégia de dissuasão e garantia da inviolabilidade do território pátrio. Isso não é paranóia militar, mas visão universal do alinhamento em curso das Forças Armadas das grandes potências. É vivência amazônica e conhecimento geo-estratégico da área. É estar em condições de realizar um Vietnã caboclo na Amazônia, com a inteligência e prática de selva que possuímos, pesquisando e difundindo táticas de defesa e resistência, como faz Israel em seus *Kibutz* e *Moshaves*, realizando manobras conjuntas e exercícios como o do Comando Militar da Amazônia, em Querari, em fins de 1999, aplicando os resultados das experimentações, para dissuadir os G7 e adajacências...

2 Mutismo e vigilância

O mutismo verificado no Governo Federal relativamente aos problemas da Amazônia, foi quebrado em 99 pelo Congresso Nacional, onde Senadores, Deputados e Governadores dos Estados amazônicos se fizeram ouvir, juntamente com a imprensa independente. Também a atuação vigilante e judiciosa do Clube Militar, velando pela nacionalidade, face a um neoliberalismo e globalismo, envolvente e precipitado, estudou e debateu esses assuntos, produzindo informações valiosas de interesse do público interno e externo, através de sua Revista e de conferências.

Outro marco de repercussão nacional, foi a palestra realizada em 13/10/99, pelo Gen. Ex. Luiz Gonzaga Schoereder Lessa, então Comandante Militar da Amazônia. Em seu comando, ele realizou manobras na região noroeste da fronteira amazônica, conhecida como "Cabeça do Cachorro", no eixo Manaus – São Gabriel da Cachoeira – Querari. Essa manobra, conjuntamente com a Marinha, Força Aérea e Forças Especiais (Paraquedistas), reuniu 48 horas, efetivo de 5000 homens na linha fronteiriça, concentrando aviação do Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, além da própria Aviação do Exército, e seus adestrados Batalhões de Selva.

À abalisada conferência do Gen. Lessa, seguiram-se em Fortaleza, em novembro/99, excelentes palestras sobre a Amazônia,

proferidas pelo Gen. Adalberto Bueno da Cruz, ex-Cmt. do Centro de Instrução de Guerra de Selva (sobre Internacionalização) e do Cel. EB Art Henrique Cals Theóphilo de Oliveira, do Centro de Operações Terrestres (sobre pecularidades e necessidades de sua defesa).

3 Nova ordem, ONG's e mídia

Eis que a chamada nova ordem internacional, aparentemente em gestação desde a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a constituição da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e de novos Estados soberanos, a existência da Comunidade Econômica Européia (CEE), mas extremamente atuante, vem desencadeando ações veladas ou ostensivas, de interesse do sistema econômico internacional, em todo o mundo, a despeito e em detrimento dos estados nacionais e da livre manifestação dos povos, em nome do Grupo das 7 ou 8 potências ricas e detentoras do poder atômico (com a Rússia), sob a cobertura da ONU, OEA, OTAN.

Além da ação desse Grupo, outras organizações atuam dentro dos estados nacionais, infiltrando-se onde forem necessárias a seus intentos, destacando-se pelos recursos financeiros disponíveis, atividade, periculosidade e submissão àquelas potências: são as chamadas Organizações Não-Governamentais! – ONG's. Existem, evidentemente, inúmeras ONG's que se constituem honrosas exceções, voltadas exclusivamente às finalidades construtivas dos países a que servem.

A questão da mídia é enfatizada pela definição dada por ilustres jornalistas em "Mesa Redonda Amazônia e a Mídia" no *Seminário Amazônia*, promovido pela Escola Superior de Guerra, subordinada ao Ministério da Defesa, conforme transcrição que se segue do Órgão de Divulgação das Atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – "O GUARARAPES", Ano 2000, Mês Jan/Mar, N.º 24.

"Constitui-se um mito e ingenuidade julgar a Mídia Internacional democrática. Ela é um subsistema do qual, a partir de 1950,

o Poder Econômico Mundial dela se apoderou. Ela objetiva a **Conformação e a Formação da Opinião Pública.** E, para tal, lança todo seu poder a serviço do Sistema Econômico de que é subsistema...

Usa no Brasil duas estratégias:

1. **O silêncio:** Silenciar sobre os fatos relevantes de uma instituição que contraria os objetivos da mídia.
2. **A deformação:** Transmitir e potencializar inverdades ou meia verdades. (...)

A Estratégia do silêncio – Haver a mídia ocultado 20 anos o processo de ocupação estrangeira da Amazônia, a serviço dos interesses dos donos do Poder Econômico no Mundo, situados no G/7.

A Estratégia da deformação – Transmitir e dar veracidade ao que se diz de inverdade nos países ricos sobre a Amazônia, o que em parte avalizado pela Mídia Nacional."

No curso do Seminário, a mídia do Brasil o ignorou e seus noticiários insistiam em apresentar programas focalizando os desmatamentos e queimadas da Amazônia etc. Não são inverdades nas conduzem a generalizações perigosas.

4 Civismo e ação

Diante desse quadro, que não reflete todos os tons da complexa situação que atravessa o país, o que fazer para responder a um estado de espírito de tão justa indignação cívica?

Escudado no princípio de que "onde há uma vontade há sempre um caminho" – veio a inspiração: seria a antiga Associação dos ex-Alunos do Colégio Militar (AACM), constituída de egressos de velhos estabelecimentos de ensino (Colégio Militar do Ceará, Escola Preparatória de Cadetes e Colégio Militar de Fortaleza) que se somam aos milhares. Sociedade eclética, de profissionais das mais diferentes especialidades e ramos do saber, abrangendo desde os octogenários a adolescentes dos dois sexos.

Do Ceará, berço da colonização da Amazônia, muito ligado a sua cultura, demos a partida buscando a solidariedade das Associações congêneres dos demais Colégios Militares que são em número de doze, localizados nas principais capitais do país e em outras cidades, para conduzirmos juntos uma campanha de conscientização nacional e regional, em reforço aos nossos irmãos amazônidas, antigos aliados dos nordestinos em suas secas cíclicas, como também o foram, na memorável batalha dos "Soldados da Borracha", num esforço de guerra que assegurou esse suprimento indispensável às Forças Aliadas da Segunda Grande Guerra, hoje meio esquecido do G7/8 e de seus instrumentos...

E por isso estamos aqui aproveitando esta excepcional oportunidade para informarmos um pouco do que estamos fazendo e pedir a ajuda desta egrégia Casa, que junto às outras co-irmãs dos outros Estados, já debatem o grande tema da atualidade, trazendo suas abalizadas reflexões e contribuições, como verificado em BRASÍLIA, no Ciclo de Estudos "Brasil 500 – Repensando a Nacionalidade", no Painel de 27 de outubro de 1999, sobre "Amazônia e a Cobiça Internacional", promovido pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal – Affonso Heliodoro dos Santos.

5 Associação de Ex-Alunos do Colégio Militar (AACM) e Comissão de Estudos de Defesa da Amazônia (DEAM)

Um semestre e meio após a Assembléia Geral da AACM, de 30/06/99 que a constituiu, constatamos que a "Comissão de Estudos de Defesa da Amazônia" realizou profícuo labor, registrando três dezenas de reuniões. Delas resultaram, apesar de limitações de toda ordem e da urgência requerida, formular as "DIRETRIZES GERAIS DE DEFESA DA AMAZÔNIA" (DEAM), concepção sintética de como cumprir essa difícil missão, calcada em substancioso "Estudo de Situação".

Citadas Diretrizes definem a estratégia de defesa da Amazônia no momento, e as ações a realizar junto ao público e ao privado, baseados na POLÍTICA DE DEFESA, nascida no âmbito da Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional, aprovada pelo Poder Executivo, em 1966, assim como na Constituição Federal e conforme o Ministério da Defesa.

O estudo para a Defesa da Amazônia surgiu como idéia-força destinada a motivar os ex-alunos a cerrarem fileira junto à sua Associação (AACM), no sentido de torná-la dinâmica e funcional, através da atualização de seu Estatuto, inclusive explicitando, em seus objetivos, o de difundir conceitos doutrinários ou culturais relacionados com o desenvolvimento, o progresso e a soberania do Brasil.

Na aludida Assembléia Geral foi nomeada uma Comissão constituída pelos coronéis Alexandrino, Mário Ramos, Parahyba e Petronio, com a missão de apresentarem o projeto de um novo Estatuto, já aprovado, bem como realizar o citado estudo, observando a metodologia de estudo de Estado Maior.

Dando prosseguimento aos trabalhos, definiu como objetivo o seguinte: defender a Amazônia da cobiça estrangeira, da ação predatória ao meio ambiente e a seus recursos naturais, bem como do narcotráfico, e protegendo o índio. Quanto aos fatores a analisar, foram levantados: princípios constitucionais; ação diplomática; globalização e livre comércio; meio ambiente e recursos naturais; projetos Calha Norte e Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM); ONG's e representações religiosas; índios; assistência social; estrutura de defesa; e distribuição.

Constituindo nosso objetivo primordial, contribuir para a formação da consciência nacional e, particularmente regional no que tange à defesa da Amazônia, estamos em condições de dar início prático as ações nesse sentido, nos setores político, econômico, e psico-social, respaldados nos estudos realizados e na atualização de nosso Estatuto, que propiciará à entidade os meios necessários à consecução de seus fins.

Em oposição à divisa intervencionista estrangeira de "Amazônia patrimônio da humanidade", respondemos que a AMAZÔ-

NIA brasileira foi, é e será patrimônio dos brasileiros, como também foi colocada sempre a serviço da humanidade em seu passado, presente e será no futuro – mas sempre sobre a égide do BRASIL – "confirmando-se, destarte, as previsões de Humboldt, de que um dia a civilização se debruçaria no grande vale"...

AMAZÔNIA? **Patrimônio Brasileiro!!!**

(Palestra proferida no Instituto do Ceará, em 20 de março de 2000)